

Manuscritica Revista de Crítica Genética
São Paulo, N° 22, 2012

Conselho Editorial

Almuth Grésillon
Aparecido José Cirillo
Cecilia Almeida Salles
Claudia Amigo Pino
Eliane Vasconcellos
Irène Fenoglio
Júlio Castañon Guimarães
Marcos Antonio de Moraes
Marlene Gomes Mendes
Sônia M. Van Dijk Lima
Telê Ancona Lopez
Philippe Willemart
Raúl Antelo
Roberto de Oliveira Brandão
Roberto Zular
Verônica Galíndez Jorge
Yedda Dias Lima

DIAGRAMAÇÃO

Marcos Eriverton Vieira

ILUSTRAÇÕES

[capa] **Zona contaminada** (CAIO FERNANDO ABREU), DELFOS-PUC-RS
[fac-símile] **Café** (MÁRIO DE ANDRADE), IEB-USP

REVISÃO

Alicia Duhá Lose

REVISÃO DOS ABSTRACTS

Samira Murad

Manuscritica é uma publicação da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) e da Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Literários e Tradutológicos em Francês Universidade de São Paulo com o apoio da CAPES

Editoras deste número

Claudia Amigo Pino
Mônica Gama

EQUIPE EDITORIAL

Aline Novais de Almeida
Liliane Silva dos Santos
Claudia Amigo Pino
Mônica Gama

DIRETORIA APCG

José Cirillo
Sílvia Guerra Anastácio
Claudia Amigo Pino
Mônica Gama

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES EM CRÍTICA GENÉTICA

Assinatura e Venda Avulsa
e-mail: manuscritica@gmail.com

EDITORA HUMANITAS

Presidente
Francis Henrik Aubert
Vice-presidente
leda Maria Alves

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

DIRETOR

Sérgio França Adorno de Abreu

VICE-DIRETOR

Modesto Florenzano

ISSN 1415-4498

EDITORIAL

No número 21, a revista subiu aos palcos e se aproximou do processo de criação coletiva na montagem de obras teatrais. Neste número a revista desceu dos palcos, mas não saiu do teatro: agora, em vez da montagem, procuramos explorar a criação do texto teatral. Porém, o leitor não encontrará só o escritor angustiado diante de seu manuscrito: como mostram os diversos textos aqui reunidos, a criação dramática está longe de ser solitária e isolada do seu contexto – ela também acontece em um palco, por vezes teatral, por vezes político.

Não é coincidência que vários artigos deste número tratam de textos ou autores conhecidos por sua resistência e pelo seu engajamento político. É o caso do autor que ilustra a nossa capa, Caio Fernando Abreu. Abrimos esta edição com uma imagem do seu trabalho na peça *Zona Contaminada*, gentilmente cedida pelo DELFOS (PUCRS).

A relação com o meio político também marca os primeiros textos do dossiê. O fac-símile, a cargo da pesquisadora Tatiana Longo Figueiredo (IEB/USP), apresenta um manuscrito do projeto de ópera de Mário de Andrade: *Café*. Preocupado com as injustiças da sociedade, nesta obra inacabada o autor privilegia as massas corais: a única solista é a Mãe, receptora de todos os sofrimentos.

Já Ari(valdo) Sacramento de Souza e Rosa Borges dos Santos (UFBA), no artigo “Entre a crítica textual e a crítica de processo: uma leitura interessada para estudo da obra dramática”, tentam entender como o palco político da ditadura e da censura interferem no processo de criação da peça *(Gay) Paradise*, de Walter Dultra Grimm. A ditadura também surge, primeiro como ausência e depois como matriz metafórica, no artigo “Riscos e manuscritos em risco: o teatro (e um conto) de Josué Guimarães”, de Miguel Rettenmaier (UFP).

No meio da revista, saímos do Brasil e de seus problemas políticos e encontramos dois artigos dedicados a um dos mais importantes dramaturgos do século XX: Luigi Pirandello. Em “Pirandello e o Teatro: para uma gênese dos *Seis Personagens à Procura de um Autor*”, Martha

Ribeiro (UFF) tenta entender a escrita do teatro como uma febre que se delinea desde as primeiras obras do autor. Já “O canteiro Pirandello”, de Dominique Budor (Universidade de Paris 3), traduzido por Viviane Araújo Alves da Costa Pereira (USP), também trata de uma febre, mas nesse caso, a febre do pesquisador que tenta ordenar o grande material de processo que se encontra disperso em diversos fundos.

A seção diálogo fecha nosso dossiê sobre teatro. Cícero A. de A. Oliveira (Universidade de São Paulo) entrevistou o diretor Francisco Medeiros (o Chico Medeiros), abordando seu processo de criação e o papel do encenador como leitor do texto teatral.

Fora do teatro, mas ainda dentro da criação coletiva, o *Incipit* deste número traz três artigos que também mostram a força criadora que existe no diálogo, seja entre artistas por meio de cartas, seja por meio da leitura. Em “Fundamos uma revista moderna aqui”, Ana Lúcia Richa (USP) observa como as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Rosário Fusco são importantes para a reflexão sobre a produção editorial particular feita pelo grupo Verde de Cataguases na década de 1920. Em “Da leitura à escritura – matrizes e marginália da estrutura de *Avalovara*”, Eder Rodrigues Pereira (USP) analisa a relação entre o romance *Avalovara* e a escrita de Mallarmé a partir da marginália de *Obra Aberta*, de Umberto Eco. No artigo “(Pro)posições ou sobre Cícero Dias e Paul Éluard”, Angela Grandó (UFES) procurou mostrar a importância da reflexão sobre as redes de associações que estão na base de criação de uma obra a partir da análise da relação entre Cícero Dias e Paul Éluard.

No final deste número, saímos definitivamente do teatro e fechamos a porta, ou melhor, fechamos uma porta. Com esta revista, despedimo-nos da *Manuscrita*, que a partir do número 23 contará com a editoria científica da nova diretoria da APCG. Agradecemos as colaborações e diálogos que conseguimos estabelecer durante esses anos e desejamos muito sucesso para a revista em suas novas reescrituras, rasuras e reinvenções.

CLAUDIA AMIGO PINO
MÓNICA GAMA
Editoras

Editorial